



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: O FAZER INTERCULTURAL NAS AULAS DE LE¹

Maria Goretti dos Santos Silva

Resumo: Língua e cultura são marcas identitárias imbricadas, portanto o presente artigo tem objetivo analisar como a diversidade linguística pode ser tratada nas aulas de PLE/ PL2, de maneira vinculada à cultura, observando o estudo estrutural da língua em concordância com a diversidade cultural que tanto reflete na diversidade linguística brasileira e seus aspectos empíricos que regem o contexto sócio-histórico vigente. O problema busca questionar que caminhos trilhar para se chegar à aprendizagem de uma LE enfocando as variações que a língua meta possui. A metodologia de investigação está apoiada na pesquisa bibliográfica que se impetrará a partir da fundamentação teórica advinda de leitura de livros, revistas, pesquisas, artigos e resumos de trabalhos de autores como Almeida Filho, Marcuschi, Mota, dentre outros. O trabalho contribui para uma reflexão acerca da necessidade de se trabalhar as variedades linguísticas, em um âmbito multi e intercultural, como o Brasil, nas aulas de LE.

Palavras-chaves: PLE. Língua estrangeira. Variação linguística. Processo ensino/aprendizagem. Respeito.

1. Introdução

Língua e cultura são marcas identitárias imbricadas, posto que não é possível se falar de língua e se excluir a cultura ou vice-versa. Por sua vez, falar da cultura brasileira é visualizar um amplo campo da diversidade cultural, bem como da diversidade linguística. Uma cultura de muitas faces, que favorece a aproximação e o diálogo com outras culturas do mundo (ALMEIDA FILHO 1993).

O presente artigo tem por tema Português como língua estrangeira: o tratamento da variação linguística nas aulas de língua estrangeira, uma vez que o processo ensino/aprendizagem de uma LE requer métodos que não versem sobre a língua de maneira estanque à cultura, mas observe este processo em consonância com costumes, tradições, peculiaridades da cultura da língua meta, bem como a variação linguística vigente.

¹ Artigo apresentado no Conlire-2009

Para tanto, caracteriza-se como problema deste estudo: Que caminhos trilhar para se chegar a uma aprendizagem de uma LE enfocando as variações que a língua meta possui?

Portanto, objetiva-se analisar como a diversidade linguística pode ser tratada nas aulas de LE/ L2, de maneira vinculada à cultura, observando o estudo da estrutura da língua em concordância com a diversidade cultural que tanto reflete na diversidade linguística brasileira.

Neste extenso universo que sedimenta a cultura brasileira, torna-se possível observar uma vasta amplitude das variações linguísticas, advindas da mistura das muitas culturas/línguas que formaram a nação brasileira. São gigantescas as manifestações que compõem aspectos da realidade brasileira como a cultura popular, a diversidade de raças e religiões, os costumes e crenças do povo; as relações entre as gerações, gênero e classes sociais. (JÚDICE, 2001)

A metodologia desta investigação se apoia na pesquisa bibliográfica, que se impetrará a partir da fundamentação teórica advinda de leitura de livros, revistas, pesquisas, artigos e resumos. Em seguida, será realizado o fichamento dos textos lidos, bem como a reescrita e a análise crítica do que se produziu, favorecendo a sistematização teórica e um levantamento crítico de dados acerca do tema proposto. Faz-se necessário, contudo, a observação de documentos que versem sobre o processo ensino/aprendizagem de uma LE/L2 e considerações sobre a diversidade linguística brasileira. Em níveis estruturais, o artigo está composto por um resumo, seguido da introdução. Logo após, apresenta-se uma única seção que versa sobre a pesquisa teórica e duas subseções que contemplam a discussão acerca do tema proposto, encerrando-se com as considerações finais, apontando o que se observou do trabalho realizado.

2. Cultura da Língua: Língua da Cultura

Em um país em que há apenas uma língua oficial que é o português, pode-se reconhecer muitas variações deste mesmo idioma. Não obstante, a cultura também se apresenta de maneira plural, mantendo tradições e resignificando continuamente a realidade, a partir das experiências de cada região, costumes e, em especial, nas peculiaridades linguísticas.

De acordo com Marcuschi:

O painel das diferenças linguísticas no Brasil completa-se com os diversos linguajares regionais, que utilizam o português como língua – não há o que discordar – porém, com pronúncias, vocabulários e particularidades tão variadas que constituem verdadeiros dialetos. São suscetíveis de modificações e de novas incorporações, mas foneticamente possuem mecanismos de controle. Um gaúcho, por exemplo, pode até adotar novos termos, mas dificilmente perderá o sotaque característico. (MARCUSCHI 2004, p. 29)

Sabe-se que a língua é o mais poderoso instrumento de disseminação da cultura, por isso os povos europeus, asiáticos, africanos, dentre outros, em seus redutos, difundiam a sua língua e cultura, a fim de que seus costumes e tradições não se perdessem, mas se perpetuassem.

Destarte, a Língua Portuguesa que fora historicamente imposta pela metrópole - Portugal -, desde o “achamento” da colônia, perde a “pureza” da língua do colonizador, o Português, e assume a mistura de culturas e tradições vindas de muitos lugares, de muitos falares, de outros povos que posteriormente aqui chegaram. Assim sendo, pode-

se considerar que não se tem uma língua portuguesa, mas uma língua BRASILEIRA, a qual se torna uma forte marca identitária que bem caracteriza o jeito brasileiro de ser.

A atual necessidade de se aprender outro idioma vem crescendo acintosamente no mundo globalizado, em que algumas fronteiras já não mais existem e, portanto, torna-se possível estabelecer uma comunicação comumente estreita entre os povos de diversos lugares e em diversas situações, facilitando o conhecimento da língua e da cultura do outro.

Neste contexto, ensinar uma língua estrangeira é matéria obrigatória no currículo de todas as instituições de educação básica brasileira, uma vez que integrar às disciplinas um conteúdo de caráter estrangeiro dilata as possibilidades do aprendiz de atender, com mais oportunidade, às exigências mercadológicas.

Aprender uma nova língua na escola é uma experiência educacional que se realiza para e pelo aprendiz / aluno como reflexo de valores específicos do grupo social e/ou étnico que mantém essa escola. São esses valores transformados em interesses que fazem o currículo abrigar uma ou mais línguas estrangeiras. (ALMEIDA FILHO, 2002, p. 11)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), quando se referem à língua estrangeira enfatizam que a partir do momento em que o aprendiz é inserido num contexto de diversidade cultural, participa de um rico processo de aprendizagem.

Ensino-aprendizagem de PLE: por uma variação linguística e cultural

O processo de aprendizagem de uma língua estrangeira deve acontecer de maneira empírica, posto que, através da escola, o indivíduo aprende a empregar regras e, a partir da convivência com outras pessoas, expressa seus conhecimentos em consonância com outros saberes que vai construindo no ambiente escolar, considerando a tarefa de estabelecer seu modelo de apreensão da língua meta.

Toda língua tem variação, que é sempre potencialmente um desencadeador de mudança. Essa variação está relacionada a fatores como classe social, sexo, etnia, idade e estilo. Não se pode, contudo, parar no que é lingüístico, mas incluir o modo como a língua está inserida na sociedade. (ALKMIN, 2003, p. 23)

Observa-se, assim, que o processo ensino/aprendizagem de uma L2 acontece a partir da constatação e tentativa de resolução de um dado problema. Yokota (2005) aponta Krashen como um dos maiores estudiosos do processo de aprendizagem de L2, o qual formulou cinco hipóteses sobre mecanismos do aprendiz em relação à sua capacidade linguística, conforme aponta o quadro abaixo:

<p>1- Diferença entre aquisição e aprendizagem A aquisição como um processo subconsciente e criativo, enquanto que a aprendizagem é algo consciente, formal.</p> <p>2- Ordem natural A aprendizagem da L2 para o estudante se dá de forma semelhante, mas não igual que para o nativo.</p> <p>3- Input Refere-se ao contato que o aprendiz tem com a LE de forma interessante e em quantidade suficiente.</p> <p>4- Monitor Hipótese responsável pela autocorreção, ou seja, o monitor entra em ação quando se conhecem as regras estruturais.</p> <p>5- Filtro afetivo Hipótese que se refere a fatores externos, que pode facilitar ou bloquear a aquisição e favorecer a fossilização.</p>

Quadro 1: As cinco hipóteses sobre mecanismos do aprendiz em relação à sua capacidade lingüística

Faz necessário considerar a diferença, já acima formulada por Krashen (1977) entre a aquisição da L2, através da inserção cultural e social, embasado pela hipótese de *Input* e a aprendizagem formal e sistêmica da LE.

Neste aspecto, o processo ensino/aprendizagem de uma língua acontece de forma dinâmica, pessoal e não-linear, posto que as várias situações contextuais influenciarão de maneira imprevisível e complexa “numa variedade infinita de movimentos progressivos e regressivos, de caminhos que ainda desconhecemos” (Vygotsky 1987,p.130).

Da mesma forma, a variação situacional influi de forma preponderante para que o conhecimento seja construído, observando as estruturas sistêmicas, bem como a base empírica que norteia a mobilidade de uma língua.

Não é possível se ponderar que um processo de aquisição de uma LE ou mesmo de aprendizagem haja uma linearidade contínua de aportes meramente teóricos em detrimento da práxis e do movimento que diariamente reconstrói uma língua, a partir da inserção de novidades culturais, as quais estão diretamente ligadas às inovações lingüísticas.

Portanto, torna-se irrefutável a logística da construção do conhecimento lingüístico advindo de ações concretas, complexas e provenientes da heterogeneidade dos aprendizes e da variedade contextual.

Assim, vejo que a aquisição de línguas não deve ser vista como um produto final, mas como um processo contínuo e interminável em que temos uma dinâmica recorrente, de um padrão. Além do mais, devemos considerar que o objeto da aprendizagem de línguas, a própria língua, também não é estática, mas dinâmico, e se constitui em um sistema complexo em constante mutação. (PAIVA, 2005, p. 38)

A aprendizagem de uma língua estrangeira tem passado por muitas transformações ao longo dos anos, visto que cada aprendiz reage de uma forma diferenciada, levando em conta “processos biológicos, cognitivos, afetivos, motivações, contexto social e histórico, processos de afiliação, processamento de input, criação de hábitos automáticos, interação”. (PAIVA 2005, p. 39).

Para tanto nota-se várias “interconexões” que vão construindo o processo de aprendizagem de uma LE. Nada acontece de forma isolada, ou por um único meio, mas a partir da observância do “todo” que forma a situação de construção do conhecimento pelos aspectos subjetivos do aprendiz, assim como a realidade que o circunda de maneira a condensar a dinamicidade dos elementos complexos e adaptativos, cujos favorecem essa conexão arbitrária e individual.

A pergunta mais freqüente que os professores fazem, preocupados pelo percurso de seus alunos, é como se aprende ou adquire uma língua estrangeira. Não é preciso ter contato com as teorias para observar que o processo é complexo, pois as dinâmicas, os exercícios e as atividades de que lançamos mão nos dão respostas diferentes e, por mais que tentemos, somos incapazes de manter um controle absoluto sobre elas. (SANTOS, 2005, p. 38):

Portanto, muitos olhares teóricos e empíricos apontam para a sinuosa via do processo de aprendizagem ou aquisição de uma L2. Não obstante, não há fórmulas que se encaixem perfeitamente a um determinado grupo. O que deve haver é adensamento dos fatores percepção, respeitabilidade, complexidade e heterogeneidade que engendram a formação de novos paradigmas na aprendizagem de uma LE, seja do ponto de vista interno, seja externo, o que deve se considerar são as várias prioridades constitutivas deste processo.

Destarte, este processo merece uma visão multidisciplinar porque deve mediar a concretude do aprendiz e tudo o que permeia a sua capacidade mental, inconsciente, bem como dos fatores contextuais, o fenômeno de inserção das variedades linguísticas que compõe o ser histórico, ideológico e social.

Para Bakhtin (1988), as palavras já estão impregnadas de um sentido ideológico e vivencial, ou seja, o sujeito somente reage às palavras que lhe tem significância.

Outrossim, a palavra sem significado não desperta o interesse por estar em uma situação descontextualizada, acarretando uma possível rejeição linguística. Isso pode ocorrer com o desenvolvimento da aprendizagem ou aquisição de uma L2, visto que se desperta no aprendiz “ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (Rodrigues, 2005), possivelmente este sujeito se sente impelido a buscar, selecionar e interpretar, a partir do conhecimento empírico de sua realidade contextual em comparação à realidade que lhe é apresentada, com a finalidade de conhecer a língua/cultura do outro sem estabelecer juízo de valor, em uma comparatividade preconceituosa.

De acordo com Rodrigues (2005), para Bakhtin, a ideologia determina a linguagem e as palavras carregam valores sociais que são os valores de determinada cultura.

Dessa forma, o conhecimento linguístico prévio trazido pelo educando não pode ser descartado, ou simplesmente ignorado, posto que, tendo como ponto de partida a contextualização, a historicidades e os valores ideológicos, a aprendizagem de uma L2 se postulará de maneira concreta e satisfatória, a fim de não se segregar o conhecimento teórico do empírico.

De outro modo, o sujeito considerado pragmático poderá vir carregado de ideologias negativas acerca da cultura e da língua que se pretende aprender, criando

situações de comparação entre uma cultura e outra, por vezes, sobrepujando à sua língua e cultura em detrimento a cultura e língua metas.

Os muitos grupos culturais são caracterizados por identidades subjetivas, peculiares e flexíveis, uma vez que sofrem muitas influências e/ou confluências externas, advindas de aprendizagem ou partilhas com outros indivíduos de outros grupos, absorvendo características culturais diferentes. A cultura, desse modo, torna-se relativa, uma vez que possuía capacidade de responder ao meio, de acordo com a mudança adaptativa e difusora de conceitos.

O mundo moderno se mostra em um constante estado de mudanças, sejam elas linguísticas, políticas, étnicas, mas ainda assim as organizações sociais dominantes impõem no cenário nacional brasileiro uma linguagem dita “cultura” e “padronizada” que, ideologicamente, dão suporte ao desenvolvimento do indivíduo na sociedade, de maneira que somente a partir da utilização desses recursos linguísticos ditos “cultos” se pode atingir determinados objetivos e mesmo galgar um espaço social privilegiado.

Stuart Hall (1999) defende que a globalização tem um efeito contestador e deslocador das identidades centradas e fechadas de uma cultura nacional. Esse efeito verdadeiramente pluralizante altera as identidades fixas, plurais, e encerra um cenário de respeitabilidade dentro do processo da multiplicidade cultural e hibridação da língua.

A aula de língua estrangeira é um espaço privilegiado que possibilita o exercício da inserção sócio-cultural de nossos aprendizes em seu universo, ou melhor, no mundo contemporâneo. Ela é um laboratório para o amadurecimento, o reconhecimento e a aceitação do *eu* e do *outro*. Mas ela pode ser muito perigosa quando se restringe a marcar as diferenças. É na aprendizagem de uma língua estrangeira que rompemos barreira com o estrangeiro. Mas é preciso que essa seja uma viagem feita com ida e volta. O perigoso é levar o *eu* ao *outro* e deixá-lo lá, sem trazê-lo de volta. Ensinar e aprender uma língua estrangeira é ensinar e aprender a ser o *eu* e não o *outro*. (PARAQUETT, 2006, p. 46)

No contexto atual, o diálogo multi e intercultural beneficia para uma representação reflexiva da comunicação entre os povos de diversas culturas enquanto construção de um sentido aplicável na articulação do global e do local, partindo da historicidade cultural e espacial da língua meta.

A grande questão do estudo de uma L2 é não segregá-la da cultura alvo, propiciando ao aprendiz uma vivência de inúmeras possibilidades de crescimento vertical e horizontal do conhecimento da língua estrangeira, pois uma vez inserido no contexto histórico-social, o aprendiz percebe de forma concreta o outro, se insere neste contexto, mas não perde as suas raízes linguísticas e culturais.

Aulas de PLE: uma imersão cultural

Ao iniciar um processo ensino/aprendizagem, o aprendiz deve ser imerso na cultura do outro, (re) conhecendo as afinidades e vislumbrando as diferenças culturais, sempre estimulado a respeitar, por mais “absurdo” que pareçam os costumes, tradições, variações linguísticas, dentre outras diferenças.

Em se tratando do ensino de PLE, o aprendiz deve ser apresentado à heterogeneidade cultural, assim como as variações regionalistas que formam a língua brasileira. Tal processo de imersão poderá favorecer para uma apreensão de novos conhecimentos de maneira eficaz, uma vez que a língua estará associada à práxis social

e a toda a dinamicidade linguística que está presente no contexto de todos os brasileiros, valorizando assim a cultura/língua meta. Advindo de tal metodologia, os conhecimentos são agregados de valores multiculturais, e mesmo interculturais, pois a cultura se configura como um mecanismo concreto de difusão de saberes linguísticos.

O sujeito pragmático guarda alguma semelhança com o gerativismo que vê o ser humano como detentor de um conhecimento, também na Pragmática, o falante é detentor de um conhecimento prévio, no entanto, para a Pragmática, esse conhecimento prévio não é somente lingüístico, mas contextual, o falante sabe reconhecer as circunstâncias do uso da língua, por isso ele pode selecionar aspectos dos contextos para interpretar um enunciado. (RODRIGUES, 2005, p. 74)

Quando o aprendiz está inserido no universo cultural da língua estudada, e, por conseguinte, configura-se como sujeito pragmático, este tende a perceber, bem como compreender melhor as condições físicas, históricas e sociais que perfazem a constituição peculiar da cultura meta. Nesta fase da aprendizagem ou aquisição, a linguagem assume a forma de uma entidade idiossincrática.

(...) a linguagem não só como capital cultural, mas também como capital simbólico, de acordo com as dinâmicas de relações de poder que trazem prestígio político e hierarquia social. As práticas discursivas atuam, então, como produto da relação entre um conjunto de “hábitos lingüísticos”, adquiridos nos diversos campos sociais, e em um “mercado lingüístico”, ideologicamente determinado, que posiciona hierarquicamente as diferentes formas do sujeito se expressar. (MOTA, 2004, p. 37)

Nessa orientação, pode-se considerar o ensino de Português como Língua Estrangeira, enfocando as variações linguísticas, como um fator pragmático de enriquecimento cultural para o aprendiz, muito embora no imaginário social o termo cultura costuma estar vinculado à cultura culta, notadamente aos valores da cultura intelectual e artística (CANDAU, 2002), pensamento que favorece o preconceito lingüístico, ou seja, a supremacia de uma língua em detrimento de outra. A partir desta concepção desastrosa, o preconceito cultural, dissemina uma ideologia que menospreza os diversos “falares” constituidores da identidade brasileira.

Não obstante, quando este sujeito pragmático que não se porta linguisticamente de acordo com a língua difundida nos meios de comunicação, a exemplo, é discriminado, estigmatizado de maneira veemente excluído das possibilidades de ascensão social.

O professor de LE deve fomentar a importância do respeito à cultura do outro, posto que língua, cultura e sociedade se tornam o tripé de sustentação do processo ensino/aprendizagem de um outro idioma.

A língua forma parte do sistema cultural e adquire significado próprio como expectativa de comportamentos partilhados, como conjunto de técnicas de comunicação e estruturas linguísticas que são parte do conhecimento social transmitidos através de processos linguísticos de socialização. A cultura, portanto, supõe um processo de interação dos seres humanos, de significados partilhados que tendem à configuração de sistemas simbólicos. (SANTOS GARGALLO, 1999, p. 35)

Contudo, os preconceitos estabelecidos socialmente por uma hierarquia dominante, que se encontra em minoria na sociedade vigente, subjagam a comunidade linguística que não “se adequa” aos moldes impostos, minorando as probabilidades de fomentar com dinamismo o processo de aquisição ou aprendizagem do idioma estudado, contribuindo para a fragmentação do conhecimento viabilizado em uma mão única de acesso.

3. Considerações Finais

Ao percorrer o caminho do ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira, tenciona-se passar por um processo de “Imersão Linguística/Cultural” através da observância das variedades linguísticas da L2.

Outrossim, faz-se necessário enfatizar a importância de se estudar os modelos estruturais que compõem a LE, a exemplo da gramática, evidenciando as estruturas linguísticas que norteiam esta organização padrão partindo do desenvolvimento de tais competências em consonância com a práxis que configura as marcas identitárias da língua alvo.

É bem verdade que não é possível se encontrar receitas prontas para bem se desenvolver as aulas de PLE, a fim de responder aos anseios de muitos educadores, posto que cada processo ensino/aprendizagem é único e ao mesmo tempo heterogêneo, não permitindo que o que se configura como um método eficiente para um determinado público seja eficaz para outro, posto que cada realidade necessita de adequação às necessidades contextuais.

Partindo do estudo intrínseco das estruturas morfossintáticas e semânticas contextualizadas de PLE, tende-se a abrir novos espaços para um diálogo com outras culturas linguísticas de maneira a suscitar o respeito e o re-conhecimento às diferenças e semelhanças que transitam entre a língua meta e a língua do aprendiz.

Assim, a pesquisa pretende contribuir com debates futuros acerca da variação linguística que deve ser tratada nas aulas de língua estrangeira, e que, por vezes, se torna desvencilhada dos temas teóricos abordados. De maneira geral, por exemplo, dá-se mais importância aos fatores estruturais da língua, a exemplo do estudo da gramática da LE, como sendo este o único recurso de aprendizagem, e, assim, não associadas ao conhecimento empírico, as aulas de LE podem desfavorecer o diálogo entre as culturas, assim como fomentar a supremacia de um dado idioma em detrimento a outro.

4. Referências

- ALKIMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Org.) **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Huicitec, 1988.
- BRUNO, Fátima T. C.(org) **Ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras: reflexão e prática**. São Paulo: Claraluz, 2005.
- CANDAU, V. M. **Multiculturalismo e educação: a construção de uma perspectiva**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.
- CARIONE, Lílían. **Aquisição da segunda língua: A teoria de Krashen**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.
- FILHO, José Carlos P. de Almeida. **Dimensões Comunicativas no ensino de línguas**. Campinas, SP: Pontes, 3ª ed. 2002.

- _____ (Org.) **Português para estrangeiros interface com o espanhol**. Campinas, SP: Pontes, 2ª ed., 2001.
- FIORIN, J.L. **Polifonia textual e discursiva**. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J.L. (Orgs.) Dialogismo, polifonia, intertextualidade. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2003. p. 29-36.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- MARCUSCHI, L. A. **Interação, contexto e sentido literal**. Investigações: Linguísticas e teoria literária. Recife, v.17, n.02, p.19-46, 2004.
- MOTA, K. **Incluindo as diferenças, resgatando o coletivo – novas perspectivas multiculturais no ensino de línguas estrangeiras**. In. MOTA, K; SCHEYERL, D. (Orgs). Recortes Interculturais na Sala de Aula de Línguas Estrangeiras. Salvador: EDUFBA, 2004.
- BRASIL. **Orientações Curriculares Nacionais**. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=680&Itemid=704>
Acesso em: 10 de julho de 2009
- PARAQUETT, M. **Abordagem Multicultural e formação de leitores na aprendizagem de Espanhol Língua estrangeira**. In. Caligrama. Belo Horizonte: UFMG, vol 3, nov. de 2006.
- SANTOS GARGALLO, Isabel. **Linguística Aplicada a la Enseñanza-Aprendizaje del Español como Lengua Extranjera**. Madrid: Arcos Libros, 1999.
- VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed. 1987.